

Apresentação



Os conceitos são como quase todas as demais criaturas vivas: nascem, alimentam-se, por vezes reproduzem-se e, muitas vezes inesperadamente, morrem. Quando, no Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade Carolina em Praga, decidimos preparar uma publicação internacional de especialistas para repensarmos o conceito de modernidade, a ideia subjacente era trazer para mais perto do “aqui” e do “agora” uma dinâmica que marcou definitivamente a cultura, não só numa dimensão transnacional, mas também, como adiante se verá, transtemporal.

Cesário Verde, um escritor com o qual, por influência de Helder Macedo, tenho voltado à conversa nos últimos tempos, traduz muito bem a característica que me parece ser mais interessante no pensar a modernidade: a questão social como ponto de charneira entre o realismo naturalista e a ânsia humana de viver o tempo na sua plenitude, física e metafísica, viajando entre a dimensão palpada e a dimensão sonhada, como chegou a notar Eduardo Lourenço. Mas a modernidade de ontem, pensada hoje, integra outras racionalidades absolutamente vitais para a (re)construção da sociedade atual, plena de paradoxos, em que se exalta a mobilidade do indivíduo, mas se lhe inventam grilhetas; em que se louva a criatividade, mas se proscree o sonho; em que se exige saber, mas se exila a cultura num planeta sombrio, habitado apenas pelo estigma da inutilidade.

Nos trabalhos que se seguem, ganha vida uma reflexão crítica — mas temperada e experimentada — sobre alguns pontos-chave essenciais para compreendermos a modernidade em pleno século XXI. Neste contexto, o livro acolhe reflexões problematizantes da autoria de quatro professores convidados: Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, Walnice Nogueira Galvão e Zulmira Santos.

Professor emérito do King’s College em Londres, Helder Macedo propõe-nos a exploração pluricêntrica de inquietações sobre a importância das periferias espaciais e temporais no dizer o moderno: a relevância do tempo e do exemplo na construção da tradição e o valor das diferentes geografias (físicas e literárias) no cimentar da globalização são elementos pensados numa lógica dinâmica de contraste/síntese/superação, concretizada no que o autor antecipa ser uma nova e “surpreendente modernidade multicultural deste nosso ainda indefinido século XXI”.

Retomando o conceito, Isabel Pires de Lima apresenta-nos uma interessante reflexão sobre a imposição social generalizada do que poderíamos chamar o *não-tempo*,



hoje quase elevado a virtude de cidadania; trata-se, afinal, de questionar a suma urgência de viver útil que nos é imposto pela sociedade atual, afastando as supostamente datadas aspirações humanas a um tempo para a cultura, a um tempo para o pensar, a um tempo para o ser. No seu texto, a professora emérita da Universidade do Porto procura, na revisão da ideia de modernidade, “uma idade nova que [...] nos faça ter saudades do futuro e nos arranque à era utilitarista que nos esmaga num eterno presente”.

Walnice Nogueira Galvão convida-nos a acompanhar uma análise personalizada da modernidade, centrada em Euclides da Cunha e na sua obra *Os sertões*. Revidescendo alguns elementos centrais da modernidade brasileira ao tempo, a professora emérita da Universidade de São Paulo evidencia a importância do autor-jornalista e do autor-escritor no movimento intelectual dos estudos brasileiros. Nas suas palavras: “Euclides realizará um mapeamento de temas que se tornarão centrais na produção intelectual e artística do século XX. Nele se debruçará sobre o negro, o índio, os pobres, os sertanejos, a condição colonizada, a religiosidade popular, as insurreições, o subdesenvolvimento e a dependência”.

Finalmente, Zulmira Santos propõe a construção de pontes conceptuais entre a literatura e o pensamento da modernidade, mas não esquece a força evocativa da palavra ao longo da História nas suas múltiplas facetas de veículo de poder, de persuasão, de construção social e de revelação de sonhos secretamente coletivos. Ora, é justamente neste reviver da literatura do passado que a autora faz notar o menos óbvio: “o passado interessa ao mundo contemporâneo pelo que pode ajudar na compreensão da humanidade, hoje. Mas é um saber perigoso, o da literatura e também o das humanidades e das Ciências Sociais: como conhece as premissas, muitas vezes prevê as conclusões”. É, afinal, o reconhecimento da essencialidade da literatura para a satisfação da vida enquanto ato de plena realização do Homem num tempo cronológico em que há passado, num tempo emocional em que há presente e no inquietante pulsar de um devir.

Este volume reúne ainda nove trabalhos especializados que cruzam estudos temáticos em áreas como a filosofia, a literatura ou a estética. Neles, comprova-se a perceção transversal da relevância do conceito em discussão, aqui explorado a partir de sensibilidades e geografias variadas pela mão dos especialistas Bálint Urbán (Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, Hungria), Edu Teruki Otsuka (Universidade de São Paulo, Brasil), Ernesto Rodrigues (Universidade de Lisboa, Portugal), Maria Mazniak (Universidade de São Petersburgo, Rússia), Plínio Ribeiro Jr. (Universidade Paris — Diderot, França), Roberto Loureiro (Universidade de Coimbra, Portugal), Šárka Grauová (Universidade Carolina em Praga, República Checa), Silvie Špánková (Universidade de Masaryk em Brno, República Checa) e Teresa Martins Marques (Sociedade Portuguesa de Escritores e Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias/ Universidade de Lisboa, Portugal).

Neste que parece ser o mais agnóstico e desprendido período da história humana, fenómenos como a economia e a tecnologia encontram-se inexplicavelmente divinizados, resuscitando padrões de determinismo que julgávamos ultrapassados e forçando as humanidades a ocupar o obscuro lugar de uma falsa superfluidade. Repensar a modernidade é, por este e por outros motivos, urgente. Revisitar as ambiguidades, os contrastes e a vertigem que deram origem a linhas de pensamento so-

cial e a estéticas marcadas — revisitar, afinal, um certo *desassossego* produtivo, inato ao ser humano — é uma estratégia útil para reativar espíritos de um tempo exímio a lidar com *swaps*, mas totalmente inepto a lidar com gente; de um tempo censurado, que negligencia o passado e que reduz o futuro ao eterno agora, decorado pelos néons coloridos do incompreensível jargão financeiro e propellido por espasmos mal explicados de sistemas gestionários com que, mensal, desmotivada, mas profeticamente, pagamos as contas triviais.

Nesta nova modernidade, o desafio é, simultaneamente, de uma simplicidade desarmante e de uma ambição assustadora: da cultura do século XXI espera-se, tão-somente, que opere a re-humanização do Homem.

Joaquim Coelho Ramos

